

# ELLE

DEUX  
BLANC

VENDA PROIBIDA  
DISTRIBUIÇÃO EXCLUSIVA

UM PAPO  
COM  
NILTON  
BONDER

**ALTO-VERÃO**

DESCUBRA  
A BELA  
CÔTE  
D'AZURE

APAIXONE-SE



Dressing lab

marcato con il  
sulle spalle  
sulle spalle  
sulle spalle

ALLI





# Por uma ALMA menos ordinária

Simple e clara é a maneira como o rabino **Nilton Bonder** vê a vida e as coisas do espírito

por LUCIANA PESSANHA fotos PAULA KOSSATZ

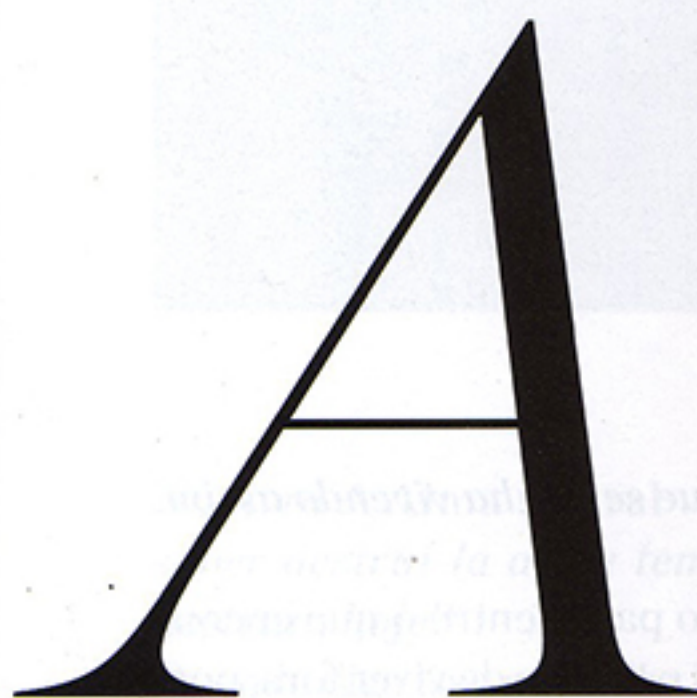


figura sisuda de um religioso você pode deixar de lado. Nilton Bonder é gente como a gente. Talvez por isso seja um rabino tão popular. E também pela capacidade de abordar assun-

tos complexos de forma coloquial e singular. Ao seu carisma de orador junta-se a carreira de escritor prolífico. Com vinte títulos publicados, Bonder já ganhou um prêmio Jabuti de literatura, em 2000, além de vários outros pelo mundo afora.

Mas não se engane, seu talento foi lapidado com muito estudo. Formado em literatura hebraica pela Universidade de Colúmbia, fez mestrado e doutorado no Jewish Theological Seminary, em Nova York, onde se ordenou rabino.

Bonder já fazia sucesso com seus escritos quando um encontro num programa vespertino de televisão, em 2002, deu uma turbinada na sua carreira. Ele tinha ido divulgar seu livro *A Alma Imoral*; e a atriz Clarice Niskier sua peça chamada *Buda*. Numa certa altura da conversa, Clarice declarou que era judia, mas que se identificava mesmo com o budismo. Logo em seguida, uma telespectadora enviou um fax para o estúdio com a seguinte declaração: "Minha filha, não existe judia budista. Ou bem você é uma coisa, ou é outra".

Enquanto a atriz gaguejava sem saber o que fazer, o rabino apressou-se em defendê-la explicando que era, sim, bastante possível uma pessoa ser judia e budista, pela via da transgressão.

A partir desse momento, estava selada a parceria entre Nilton e Clarice, que transformou *A Alma Imoral* numa peça de teatro, assistida por milhares de pessoas em nove Estados do Brasil.

Veja aqui algumas das questões da alma e da vida, extremamente bem colocadas por esse rabino de 52 anos, que poderia ser um bom amigo de qualquer uma de nós.

*A peça A Alma Imoral faz um sucesso estrondoso, principal-*

*mente entre as mulheres, que até obrigam os maridos a assistir. Por que o seu texto se comunica tão bem com as mulheres, e qual a mensagem contida ali, que elas querem passar para os homens?*

A maior traição é sempre a alienação. Todo aquele que se faz presente e engajado com a vida não trai. Talvez os homens apresentem um maior grau de torpor e vivam emocionalmente mais hipnotizados pelas demandas de ação e resultado a que são submetidos. Eu aventaria essa hipótese de que as mulheres levam seus homens para assistir ao espetáculo para dizer-lhes que, mais do que serem traídas por casos e amantes, se sentem traídas pela ausência e pela indiferença.

*Dos anos 60 para cá, com a pílula anticoncepcional, o feminismo e a entrada das mulheres no mercado de trabalho, a relação homem-mulher se modificou muito. Você acha que os homens estão desarticulados diante dessa nova mulher?*

Os homens, se estiverem, estarão desarticulados em relação a si mesmos. A competitividade está diretamente ligada ao desejo e este se apresenta culturalmente diferente no homem e na mulher. O homem procura embates vigorosos na busca de triunfos imediatos. A mulher administra sua ambição e seu projeto mais a longo prazo. Esse é um diferencial cada vez mais importante no mercado de trabalho, já que a automação substitui com maior facilidade essa qualidade masculina. Portanto, os homens estariam sendo destituídos mais pela máquina do que pela mulher. O inimigo do homem não é a mulher, mas o baixo valor agregado que traz em sua conduta convencional.

*O que seria preciso fazer hoje, dos dois lados, para reequilibrar essa relação?*

Ninguém vai se achar em relação ao outro. Fazemos isso como um movimento interno. O homem tem que se sentir inco-



*Não existe uma alma propriamente dita. Existe um corpo que quer se preservar e um corpo que busca mutações, que se arrisca na busca de novas soluções. Para o corpo que se preserva, o corpo da mutação e do envelhecimento é imoral. É esse corpo que se usa e se descarta que aparece como uma alma imoral*

modado para buscar soluções. Mas a vida é um grande e absoluto “vaso comunicante” – o que se modifica lá, impacta aqui. Há muitos acertos a serem feitos porque o triunfo no mercado de trabalho não é valor apenas positivo. Esse mercado é totalmente meritocrático, você vale pelo que produz. E nesse sentido há um paradoxo entre a estrutura feminina e esses valores. Então ou a mulher irá modificar as relações de trabalho, ou muito em breve buscará novamente um homem ideal que a leve de volta à cozinha. Por “cozinha” não entenda a escravidão e a subserviência, mas uma relação com o tempo, com o servir e com o outro que talvez não devesse ser tão estigmatizada. Não é à toa que aumenta, na mesma proporção das mulheres executivas, o número de chefs e gourmets homens que não trocam a cozinha por nenhum escritório “9 to 5”.

*Estamos acostumados a ligar o corpo à imoralidade. O que é a alma imoral?*

Não existe uma alma propriamente dita. Existe um corpo que quer se preservar e que luta para evitar grandes oscilações, querendo tudo o mais organizado possível (um corpo de direita). E existe um corpo que busca mutações, que se arrisca na busca de novas soluções. Um corpo que sobrevive e um corpo que envelhece e morre. Para o corpo que se preserva, o corpo da mutação e do envelhecimento é imoral. É esse corpo que se usa, se gasta e se descarta que aparece como uma alma imoral. A ordem do corpo moral vem da vida; a ordem do corpo imoral (a alma) vem da morte. Entenda-se morte pela estrutura maior da própria vida, uma Vida com maiúscula. Os valores da Vida são imorais à vida. O mais imoral de todos é a finitude.

*Nós estamos vivendo tempos de muito pouca reflexão e in-*

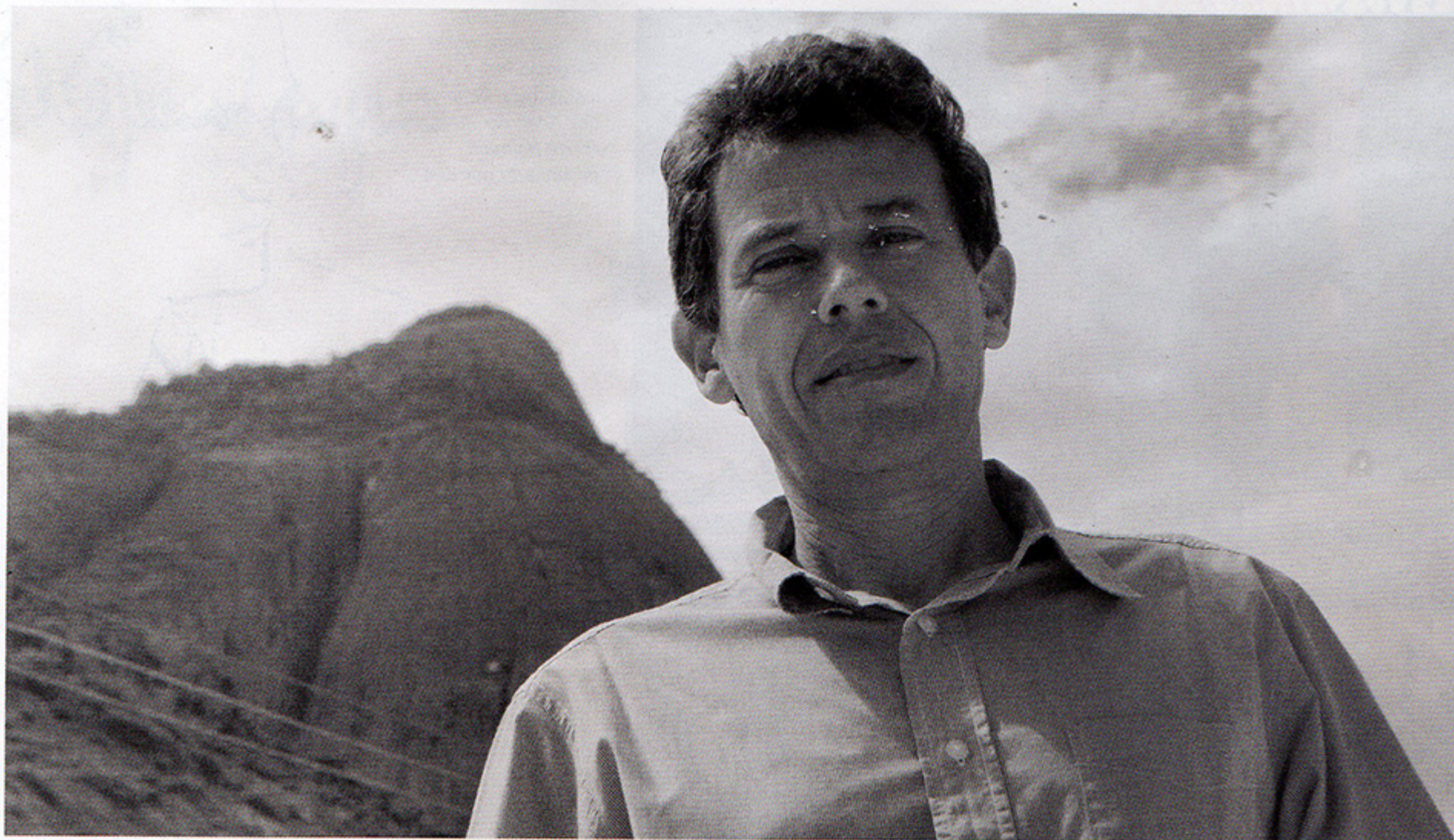
*trospicção. O que se perde e o que se ganha vivendo assim, tão para fora?*

Como a Alma é imoral, e olhando para dentro o que encontramos é a finitude, então usamos o truque de viver fora, porque ele parece nos garantir o sonho da permanência. Então posso ser *forever young* e sonhar que a ciência, mais do que a minha natureza, me salve. Só podemos ser deuses e imortais fora, porque dentro somos humanos e terminais. E esses são os valores que reinam na cultura do para fora – controle e certeza. O mundo de dentro é um mundo de existência parassimpática, ou seja, eu não vivo, mas sou vivido. E isso é muito assustador. Então, prefiro transferir poder para a minha agenda – sobre a qual pareço ter maestria e ser o senhor das escolhas –, do que deixar o corpo imoral se mostrar em toda a sua nudez. É essa noção de depravado em nosso próprio corpo que rejeitamos.

*Na sua observação, o que mais tem causado angústia às pessoas hoje, e o que poderia ser feito para reverter esse quadro?*

Justamente a tentativa de controle. É como se estivéssemos numa corrente e, em vez de nos deixarmos levar por ela, nos debatemos incessantemente. O pânico, um sintoma extremo dessa angústia, é a incapacidade de se entregar. Será que irei respirar na próxima inspiração? O que me manterá vivo no próximo momento? O controle é um paradoxo porque nos faz prestar atenção naquilo que é parassimpático, no que é orgânico e existencial em nós mesmos, e, em vez de nos dotar de autonomia, nos afoga em medo e insegurança. Práticas de não controle são necessárias. Essas práticas têm a ver com perda de expectativas, com mudanças, com o não levar-se a sério ou com abrir-se para o inesperado e para a surpresa.





*No livro A Alma Imoral você diz que construir cultura é saber destruí-la a seu tempo. O que estamos precisando destruir, hoje?*

Quando digo isso me refiro à cultura da qual partilhamos. Temos que sacrificar constantemente nossas verdades para que não se façam ídolos. Então temos de levar ao altar e sacrificar a idéia de que produtividade é bom; de que todo o tempo deve ser usado; e de que somos individualidades desvinculadas de qualquer outro sujeito.

*Em outra passagem do livro você diz: “Achar-se é construir identidades e desfazer-se delas”. Como é possível desfazer-se de uma identidade que está sendo opressiva e causando sofrimento?*

Tudo que nos preenche é bom no momento, mas nocivo se faz parecer que na ausência dessas mesmas características não existimos. Não dependemos de identidade para existir porque nossa identidade é humana. Se uma identidade é opressiva e faz sofrer, ela não é verdadeiramente sua. Provavelmente você a está usando para não se “esvaziar” e conhecer uma nova identidade. Isso porque toda a identidade é dinâmica e não posso ser algo determinado sem estar enclausurado; asfixiado por uma noção de mim mesmo que me impede de viver. Por isso a pessoa terá que ser imoral a si mesma e ser uma outra, em relação a esse Eu estagnado. A legitimidade de desconstruir o Eu está na dor, no desconforto de ser a si mesmo.

*No seu livro A Cabala do Dinheiro você diz que o que os economistas chamam de Terceiro Mundo – os bolsões de pobreza e subdesenvolvimento –, na cabala seria chamado de aprisionamento ao Quarto Mundo. E que essa pobreza e esse subdesenvolvimento são dos indivíduos, seja qual for a camada*

*da sociedade a que pertençam, mesmo que ela seja considerada materialmente rica. O que você acha que seria necessário, no Brasil, para que a pobreza e o subdesenvolvimento dos indivíduos se dissipassem?*

Cada vez mais descobrimos que a riqueza não é manifestada pelo status econômico de um único indivíduo. A riqueza é interativa. Um milionário que não pode andar livremente pela rua sem experimentar a violência, que tem que camuflar sua riqueza para não se expor, que teme perder privilégios e imunidades não tem qualidade de vida. A verdadeira riqueza é um bem-estar que depende de patrimônios materiais, emocionais, intelectuais e espirituais. Um bilionário não amado é pobre; um bilionário ignorante é pobre; ou um bilionário arrogante é pobre.

*As pessoas estão cada vez mais descrentes de um poder maior, além do que é terreno. O que se perde com a falta de fé?*

Perde-se a graça. E ficar sem graça é ser um desgraçado. A fé é uma medida da relação de entrega à vida. Quem não tem fé, na verdade, tem controle. Porque não acreditar é uma maneira de querer controlar. Afirmar a falta de fé é uma barganha com a vida, típica de quem quer preservar o controle sobre as coisas. Parece fala de honestidade, de realismo e de sinceridade, mas é, na verdade, um discurso subliminar de recusa à dinâmica da vida.

*Na sua opinião, o que existe de mais negativo e de mais positivo no mundo hoje?*

O mais positivo é o acesso ao outro. O negativo é a superficialidade.

*O que se pode fazer para tratar a alma a pão de ló?*  
Não tratá-la a pão de ló.